



NÁ

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

ERA.  
ARQUEOLOGIA

15

# APONTAMENTOS

*de Arqueologia e Património*

SET 2021

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**  
Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**  
Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação  
Arqueológica – NIA**  
Local de Edição: **Lisboa**  
Data de Edição: **Setembro de 2021**  
Volume: **15**  
Capa: Figura antropomórfica oculada sobre osso dos  
Perdigões (Foto: António Carlos Valera)

Director: **António Carlos Valera**

**ISSN: 2183-0924**

Contactos e envio de originais:  
[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.  
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

## ÍNDICE

EDITORIAL .....	07
Ana Catarina Basílio, Nelson Almeida e António Carlos Valera	
O RECINTO DE FOSOS DE SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): TRABALHOS DE 2019 E 2020 (PROJECTO SANVIT) .....	09
Tiago do Pereiro, Nelson Almeida António Carlos Valera	
O RECINTO DE FOSOS CALCOLÍTICO DA HERDADE DO ÁLAMO (SÃO BRISSOS, BEJA) .....	29
J.E. Márquez-Romero, J.L. Caro-Herrero, J.A. Molina-Muñoz, J.A. Camino de Miguel, J. Suárez Padilla	
VARIOUS CONSIDERATIONS ON THE APPROACH TO THE ARCHAEOLOGICAL COMPLEX OF PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ, PORTUGAL) .....	37
Patrícia D. Monteiro, Eliana Correia, Anne Farias, Tiago do Pereiro	
O SÍTIO NEOLÍTICO DA AMEJEIRA (LAGOS) NO SEU CONTEXTO REGIONAL: RESULTADOS PRELIMINARES DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE 2020-2021 .....	43
Sofia Nogueira, Lucy Shaw Evangelista, Tiago do Pereiro	
OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA IDADE DO FERRO NA HERDADE DO ÁLAMO – TORRE DE SÃO BRISSOS, BEJA: ABORDAGEM BIOANTROPOLÓGICA .....	53
Anabela Sá, Ever Calvo	
CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DA ÁREA OCIDENTAL DA LISBOA DURANTE O SÉCULO XIX: O CASO DA RUA DA PRAIA DO BOM SUCESSO Nº 7 A 11 .....	61
Diana Dinis, Inês Mendes da Silva	
A ANTIGA FÁBRICA DO GÁS DA BOAVISTA – UM CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO .....	71



## EDITORIAL

*“Olhares Milenares”*

Foi o subtítulo escolhido para a exposição sobre os Ídolos peninsulares da Pré-História Recente. Uma exposição, idealizada por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge Soler (seus comissários), que percorreu o MARQ, em Alicante, o Museu Regional de Madrid e está actualmente no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa (até Outubro), como que recreando antigas rotas e interacções de larga escala que marcaram o 3º milénio a.C.. Uma exposição notável e que, sendo prejudicada pela pandemia que nos acompanha há ano e meio, conseguiu atravessá-la com inegável sucesso.

Evocada na capa e Editorial desta edição da Apontamentos por figurinhas oculadas antropomórficas e estilizadas dos Perdigões, esta exposição reuniu pela primeira vez um conjunto assinalável de peças de várias regiões de Espanha e Portugal. Objectos que falam ao grande público sobre antigas cosmologias do Neolítico, sobre as suas visões do mundo partilhadas, ao mesmo tempo que mostra a sensibilidade estética e a qualidade técnica destas comunidades.

Os Perdigões estiveram nela muito bem representados, com 16 peças (figuras antropomórficas, ídolos almerienses, betilo oculado, báculo, recipiente com decoração simbólica), sendo um dos expoentes ‘da “participação portuguesa”’.

Um momento marcante da investigação e da divulgação da Pré-História Recente peninsular.

António Carlos Valera

# O RECINTO DE FOSOS CALCOLÍTICO DA HERDADE DO ÁLAMO (SÃO BRISOS, BEJA).

Tiago do Pereiro<sup>1</sup>  
Nelson Almeida<sup>2</sup>  
António Carlos Valera<sup>3</sup>

## Resumo:

No presente texto são apresentados os resultados relativos a contextos da Pré-História Recente obtidos numa intervenção de minimização de impactos sobre património arqueológico realizada na Herdade do Álamo. Numa sondagem foi identificado e intervencionado um troço de fosso de cronologia calcolítica, assim como vários depósitos da mesma cronologia. A estratigrafia de enchimento é descrita, os materiais arqueológicos são objecto de classificação tipológica e apresenta-se a contabilização e determinação de espécie dos restos faunísticos. Finalmente, é feita uma breve contextualização no conjunto de recintos de fossos do baixo Alentejo.

## Abstract:

### The Chalcolithic ditched enclosure of Herdade do Álamo (São Brissos, Beja).

This text presents the results related to contexts of Late Prehistory obtained in an intervention to minimize impacts on archaeological heritage held at Herdade do Álamo. In a survey, a ditch section of chalcolithic chronology was excavated, as well as several deposits of the same chronology. The infilling stratigraphy is described, the archaeological materials are subject to typological classification and the accounting and species determination of the faunal remains is presented. Finally, a brief contextualization is made of the set of ditch enclosures in the lower Alentejo.

## 1. Introdução

O recinto de fossos da Herdade do Álamo foi identificado no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do projecto de Reconversão Agrícola na Herdade da Torre de São Brissos, Beja, numa altura em que um amendoal intensivo já se encontrava plantado. Estes trabalhos foram adjudicados à Era-Arqueologia S.A. por Olieca. e decorreram em duas fases: uma em Maio de 2019 e outra entre Maio e Junho de 2020.

De acordo com as medidas de minimização delineadas, na primeira fase foram efectuados trabalhos de prospecção arqueológica sistemática georreferenciada com contagem de materiais e utilização de detector de metais. Foram igualmente realizadas 8 sondagens de diagnóstico numa área total de 32m<sup>2</sup>, a implantar em áreas paralelas às condutas de rega e em áreas de maior concentração de materiais, no sentido de avaliar as afectações observadas. Foi ainda realizada uma outra sondagem (sondagem 9) após visita de campo da DRCAlentejo.

Estes trabalhos permitiram identificar contextos arqueológicos de diferentes cronologias afectados por trabalhos agrícolas, nomeadamente nas sondagens 5, 6, 7 e 8, compostos por interfaces negativas escavadas no calçado e respectivos enchimentos.

Em função destes resultados, a tutela definiria um aumento das áreas intervenções, num total de mais 30m<sup>2</sup> a distribuir pelas várias sondagens arqueológicas onde tinham sido identificados contextos arqueológicos, trabalhos que decorreram na segunda fase.

Os contextos de cronologia pré-histórica foram registados nas sondagens 5 e 6.

<sup>1</sup> Era Arqueologia ([tiagopereiro@era-arqueologia.pt](mailto:tiagopereiro@era-arqueologia.pt))

<sup>2</sup> UNIARQ - U. Lisboa ([nelsonjalmeida@gmail.com](mailto:nelsonjalmeida@gmail.com))

<sup>3</sup> Era Arqueologia / ICArEHB - U. Algarve ([antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt))

## 2. Localização

A Herdade do Álamo localiza-se no distrito e concelho de Beja, na união de freguesias de Trigaches e São Brissos, na Herdade da Torre de São Brissos e muito próximo do aeroporto de Beja. As suas coordenadas são X: 163310, Y: 178436, Z: 185m (ponto central na sondagem 6).

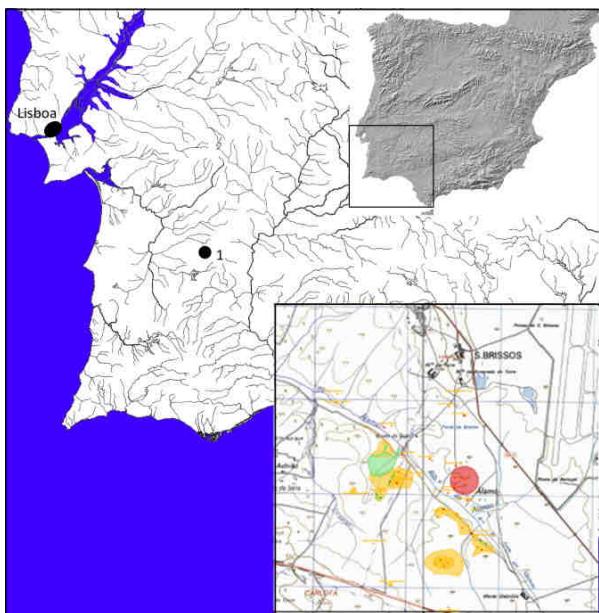


Figura 1 – Localização da Herdade do Álamo no Sudoeste da Península Ibérica, no Sul de Portugal e na Carta Militar de Portugal, 1:25000, fls.509, 510, 520, 521.

Os contextos pré-históricos foram identificados no topo de uma suave elevação sobranceira à Ribeira do Álamo. A área integra-se na peneplanície de relevo suave e por vezes ligeiramente ondulado do baixo Alentejo (unidade da Zona de Ossa Morena). Em termos geológicos, trata-se de um substrato fortemente metamorificado, apresentando séries litológicas diversas e mais ou menos sequenciais de NE para SE: granitos, pórfiros, gabros e dioritos, xistos, rochas básicas e máficas-ultramáficas (Oliveira *et al.*, 2016). Localmente, o substrato encontra-se alterado, apresentando-se fortemente carbonatado, formando os tradicionalmente designados caliços esbranquiçados.

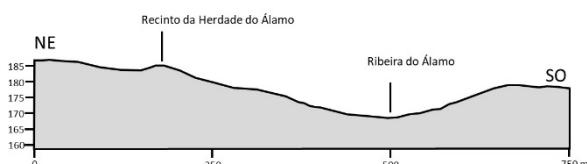


Figura 2 – Perfil topográfico com localização dos contextos pré-históricos da Herdade do Álamo.

## 3. Os contextos arqueológicos pré-históricos

Os contextos de cronologia pré-histórica foram identificados nas sondagens 5 e 6, separadas por 21m. Na sondagem 5, com uma área de 4m<sup>2</sup>, foi escavada até cerca de 0,50m de profundidade, tendo-se identificado um depósito argiloso e compacto [500] revolvido pelos trabalhos agrícolas, nomeadamente de ripagem para preparação do terreno a plantar. Este depósito cobria o geológico e um depósito castanho claro e arenoso [505], no topo do qual se recolheu alguma cerâmica manual. Parecia preencher uma estrutura negativa, mas não foi escavado no âmbito destes trabalhos, considerando-se que, na área da sondagem, não registava sinais de afectação.

Já a sondagem 6, inicialmente também com 4m<sup>2</sup>, viu a sua área alargada para 20m<sup>2</sup>, área que ainda assim se revelou demasiado restrita em função dos contextos detectados. Aqui foi identificado um troço de um fosso e um conjunto de depósitos que lhe eram exteriores e que preenchiam irregularidades no geológico (antrópicas e naturais), assim como uma fossa com um enterramento primário. Este contexto funerário, em princípio posterior à colmatação do fosso, aponta para um momento tardio do 3º milénio a.C. (Horizonte de Ferradeira) e não será aqui abordado, estando a ser alvo de uma publicação específica.

### 3.1. O fosso pré-histórico

O troço de fosso identificado e escavado na sondagem 6 corresponderá à parte terminal desta estrutura negativa, numa área em que é interrompida e que corresponderá eventualmente a uma entrada relativamente ampla, pois o outro lado não é abrangido pela área intervencionada.

Em planta, este troço termina “em bico”, entrando pelo corte Este (Figura 3), onde extravasa os limites da sondagem. Deste modo não é possível determinar a sua largura máxima, que será superior à largura da sondagem nesse ponto (3m).

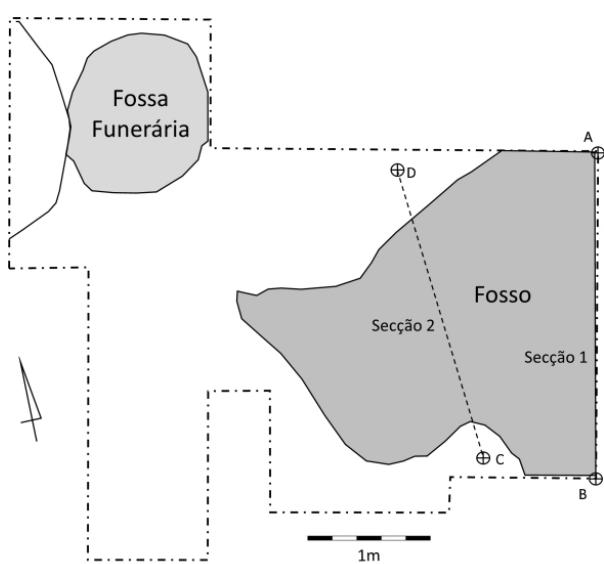


Figura 3 – Plano das estruturas da sondagem 6.

A sua profundidade máxima é de 1,90m junto ao corte Este, diminuindo ligeiramente para a ponta a Oeste. A meio da sondagem (secção 2) apresenta um perfil trapezoidal assimétrico, com fundo plano (Figura 4).

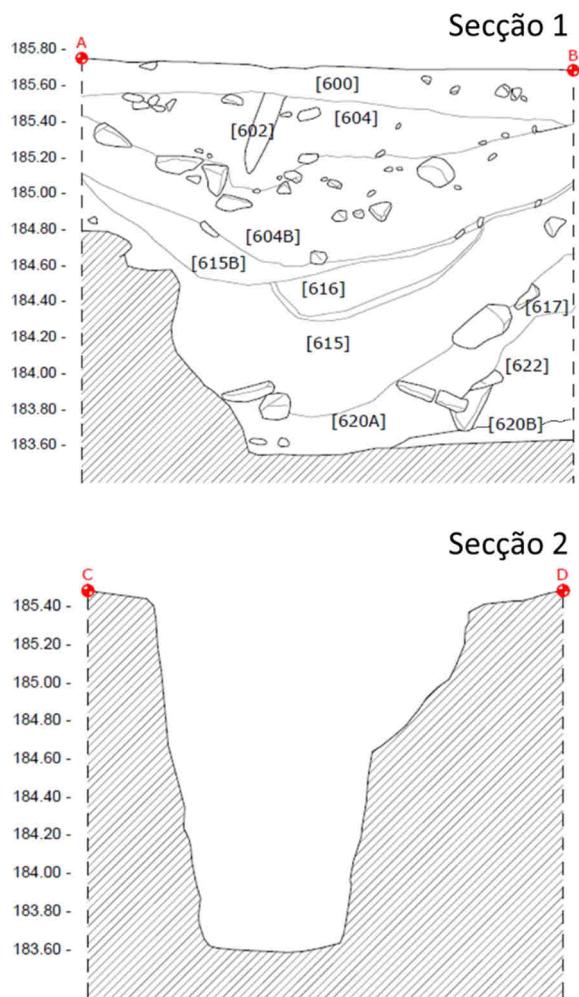


Figura 4 – Corte estratigráfico Este realizado no fosso (Secção 1) e perfil a meio da sondagem (Secção 2).



Figura 5 – Corte Este no interior do fosso.

Este troço, que cortava o geológico e um depósito prévio [603], era preenchido por uma sequência de depósitos que, com excepção dos mais superficiais, apresentam uma deposição convexa, com vários níveis de pedras, sugerindo uma formação mista por acção antrópica e natural, sem evidências de deposições estruturadas. O primeiro a ser identificado, [611], corresponde a um amontoado de pedras e faunas queimadas, envoltas num sedimento alaranjado, localizando-se na zona central da estrutura. Cobria um depósito heterogéneo, [604] cuja base assentava numa linha de pedras. Ao seguinte depósito foi dada a unidade [604b], porque a composição sedimentar era igual ao primeiro. A sequencia continuava com dois depósitos de características deposicionais naturais. O [615b] era mais espesso na metade norte do que no Sul, possuía coloração castanho escuro era composto por um fino sedimento. O [616] corresponde a uma bolsa formada no meio da estrutura, apresentando um grão mais grosseiro. O depósito [615] caracterizava-se pela presença de alguns blocos pétreos, nomeadamente no limite S e W. Este cobria lateralmente o depósito [617] de coloração alaranjada, semelhante ao depósito [603] cortado pelo fosso. Lateralmente foi também identificada uma concentração de blocos pétreos inclinados para o meio do fosso no seu eixo maior, [622], e cobrindo um depósito localizado já no fundo do fosso, [620a]. Por fim, e na lateral desta sequência, identificou-se um depósito composto por vários níveis lenticulares finos, de clara deposição por acção hídrica, [620b].

### 3.2. O recinto

Em face da reduzida área abrangida pela intervenção no fosso, que inclusivamente não permitiu determinar a sua largura máxima, e perante a ausência de decisão da tutela relativamente a um novo alargamento das medidas de minimização, a equipa assumiu a realização de um teste de prospecção geofísica, na tentativa de obter mais informação sobre a planta do fosso e desenho do eventual recinto que este (e eventualmente outros) definiria. Tratou-se de uma acção fortemente condicionada pelo facto de o amendoal já estar plantado e com as árvores já a excederem os 2/3 metros de altura. Assim, foi apenas possível fazer medições ao longo de alguns corredores entre os alinhamentos de árvores e sem uma quadricula montada, utilizando-se as árvores como referências espaciais.

A prospecção geofísica, por magnetometria, utilizou o magnetómetro Bartington 601/2, com dois sensores de 1 m de comprimento separados por 1 m. Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base, fazendo com que os detectores localizados no topo rejeitem a larga escala do magnetismo atmosférico e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo detectar anomalias de 0,1 nt (nanotesla), considerando-se que o campo magnético terrestre normalmente apresenta leituras de 40.000 nt (0,4 gauss), que podem variar durante o dia. Este equipamento permite detectar anomalias até cerca de 3 m de profundidade (a média é 1 m). Os dados obtidos foram processados com software Geoplot 4.0, gerando um magnetograma que, apesar das limitações, permite algumas leituras da estrutura presente.

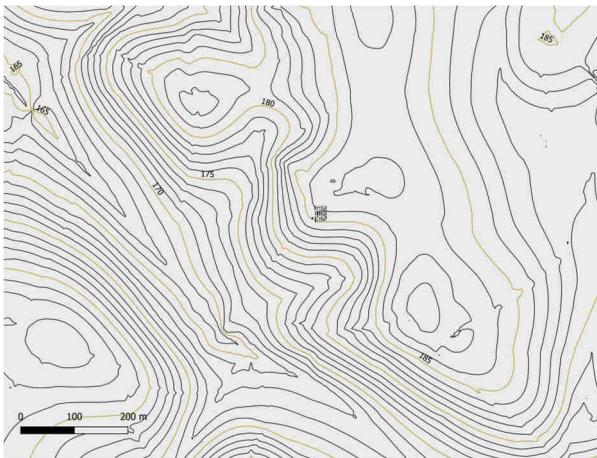


Figura 6 – Localização da área prospectada por geofísica no contexto topográfico envolvente. Curvas de nível de 1m.

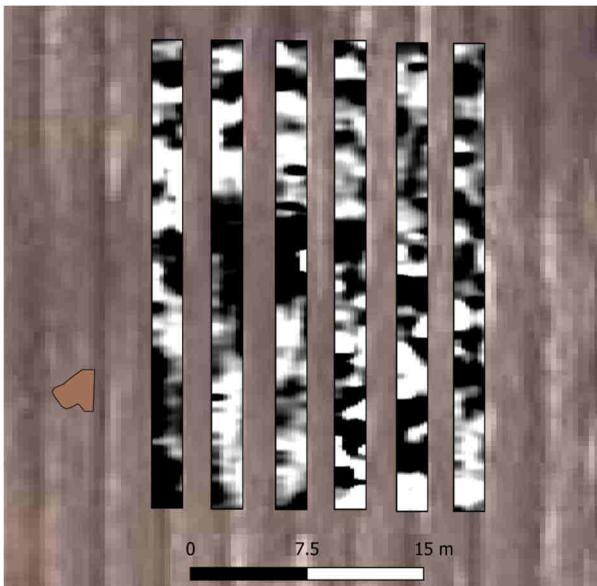


Figura 7 – Magnetograma orientado a norte e implantado sobre imagem satélite com locação da sondagem de intervenção no fosso (a Oeste). Cada coluna, correspondendo aos intervalos entre as fiadas de árvores, tem 2m de largura e 30m de comprimento. A imagem corresponde à utilização de medidas absolutas, permitindo ver de forma mais nítida as estruturas de tipo fosso.

Os magnetogramas obtidos (Figuras 7 e 8) permitem identificar, ainda que de forma difusa, a existência de várias estruturas negativas. A mais evidente será o fosso intervencionado na sondagem arqueológica, o qual está mais bem delineado na parte norte do magnetograma (Figura 7), onde revela um trajecto ligeiramente sinuoso. No extremo norte e no canto Sudeste parece existir um segundo fosso, paralelo pelo exterior, ao que foi sondado. É ainda possível a existência de um terceiro fosso pelo interior, sugerido igualmente na parte norte do magnetograma.

Na área central parece existir um conjunto de estruturas negativas, visíveis de forma difusa no magnetograma filtrado (figura 8).

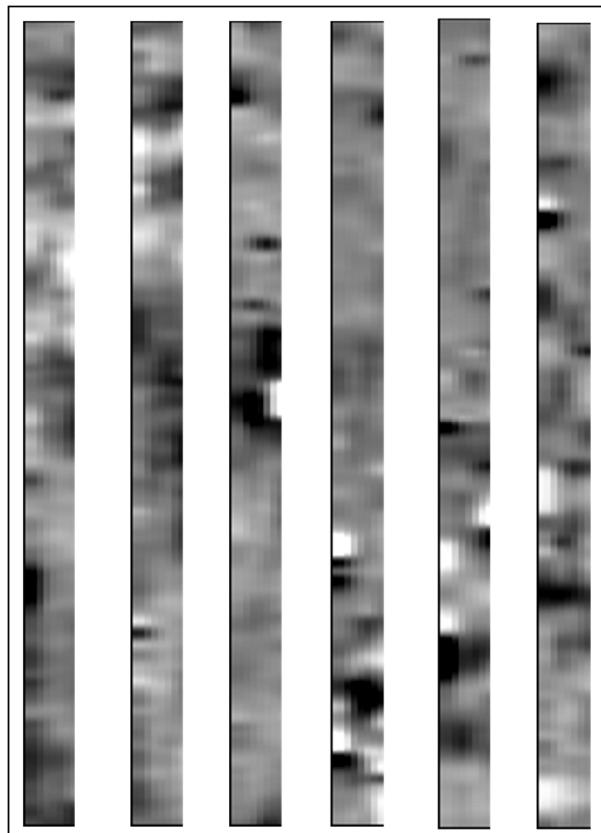


Figura 8 – Magnetograma utilizando filtro de desvio padrão, permitindo ver melhor um conjunto de estruturas negativas no centro dos recintos.

Este levantamento, realizado por iniciativa da equipa no sentido de testar a sua viabilidade naquelas condições, demonstra, mais uma vez, que a realização de geofísica é um recurso metodológico indispensável a uma adequada caracterização deste tipo de contextos arqueológicos e que deveria ser uma prática de rotina na sua abordagem, seja em contexto de investigação, seja de minimização de impactos. Por outro lado, evidencia a necessidade de ser efectuado antes dos trabalhos agrícolas se iniciarem ou, na pior das hipóteses, antes dos plantios serem realizados, pois estes inviabilizam a prospecção contínua de toda a área. As intercalações não prospectadas reduzem a clareza da imagem e dificultam a interpretação.

#### 4. Os materiais recolhidos no fosso e depósitos externos da Sondagem 6

A componente material recolhida na sondagem em geral e no interior do fosso (e com a excepção do conjunto de metais registado na sepultura em fossa aqui não abordados) é essencialmente composta por fragmentos cerâmicos (num total de 679 registos), sendo a indústria lítica residual: dois fragmentos de quartzo, um percutor e um dormente de mó (Tabela 1).

A análise da componente cerâmica em termos morfológicos (Tabela 2) foi realizada sobre 109 fragmentos de bordo, dos quais 25 (22,9%) não permitiram atribuição formal. Nos restantes 84 exemplares classificados o tipo maioritário é o

prato com 47 bordos (43%), duas quais 25 apresentam bordo simples, 21 bordo espessado internamente e 1 o bordo bi-espessado. Seguem-se as taças com 15 exemplares (13,8%), sendo 14 de bordo simples e 1 de bordo bi-espessado. As tigelas contabilizam 12 exemplares (11%), sendo 12 abertas (3 com mamilos) e 1 fechada. Os esféricos / globulares apresentam 9 registos (8,3%) e os recipientes tipo saco estão representados por um único exemplar.

Tabela 1 – Relação dos materiais recolhidos na sondagem por Unidade Estratigráfica (com excepção dos metais da sepultura).

Unid. Est	Cerâmica			Líticos		
	Bojos	Bordos	Total	Frag. quartzo	Percutor	Dormente
600	139	35	174			
603	16	0	16			
604	290	53	343	2	1	
607	10	0	10			
611	22	3	25			
613	19	5	24			
615	42	7	49			
616	3	1	4			
617	3	0	3			
620	2	0	2			
620a	10	2	12			1
620b	4	2	6			
622	2	0	2			
Limpeza corte	8	1	9			
<b>Total</b>	<b>570</b>	<b>109</b>	<b>679</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Tabela 2 – Tipos cerâmicos por Unidade Estratigráfica.

Unid. Est	Indeterminado	Prato de bordo simples	Prato de bordo espessado internamente	Prato de bordo bi-espessado	Taça de bordo simples	Taça de bordo bi-espessado	Tigela aberta com mamilo	Tigela fechada	Esférico / Globular	Tipo "Saco"
600	6	8	9		5		1	1	4	1
603										
604	17	10	8		5		6	2	1	4
607										
611			2		1					
613		3			1	1				
615	1	4			1					1
616			1							
617										
620										
620a	1				1					
620b			1	1						
622										
Limpeza corte					1					
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>21</b>	<b>1</b>	<b>14</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>9</b>
%	22,9	22,9	19,3	0,92	12,8	0,92	7,34	2,75	0,92	8,26
										0,92

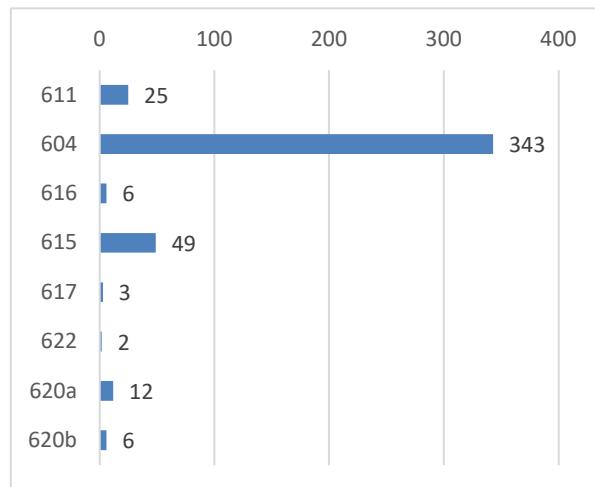
Relativamente à distribuição dos fragmentos cerâmicos no interior do fosso (Gráfico 1), verifica-se que a grande maioria se concentra na metade superior dos enchimentos, nomeadamente nos espessos depósitos [604] [604b]. Abaixo destes, apenas o depósito [615]. Igualmente espesso,

registou mais fragmentos cerâmicos (mas apenas meia centena). Nos depósitos mais perto da base a componente cerâmica é relativamente residual, apenas acompanhada por um dormente de mó.

Este comportamento da distribuição vertical das cerâmicas é o oposto, por exemplo, do que se observa nos fossos calcolíticos dos Perdigões, onde a componente cerâmica é sempre abundante ao longo de todos os enchimentos e frequentemente surge em deposições horizontalizadas nas metades inferiores das sequências estratigráficas.

A formação convexa dos depósitos associada a esta distribuição vertical de materiais sugere que o fosso foi preenchido através de processos predominantemente naturais, especialmente nos seus depósitos iniciais, o que as camadas lenticulares na base igualmente indicam. Já a concentração de materiais nos depósitos de topo do enchimento, associada à selectividade dos mesmos (quase que exclusivamente cerâmicas) e à maior horizontalidade da [604], indica uma intervenção antrópica mais forte no processo final de colmatação.

Gráfico 1 – Número de fragmentos cerâmicos por Unidade Estratigráfica no interior do fosso.



Tomando em consideração o conjunto de materiais exumado, é possível atribuir uma cronologia calcolítica ao fosso intervencionado, sendo difícil precisar um momento mais restrito dentro do 3º milénio a.C..

## 5. Os restos faunísticos

A análise seguiu metodologias comuns em zooarqueologia e tafonomia, tendo em conta caracteres morfológicos e biométricos para distinção entre espécies similares. Os resultados apresentam-se através do *Number of Specimens* (NSP) e *Number of Identified Specimens* (NISP). Procedeu-se à análise de planos de fractura em tecido cortical, completude diafisária e modificações em superfícies ósseas relacionadas com o processamento, consumo e tratamento térmico, assim como outros indicadores do ambiente de deposição.

Os materiais recolhidos durante a intervenção de 2020 na Sondagem 6 da Herdade do Álamo correspondem a 55 restos arqueofaunísticos dos quais cerca de 44% foram identificados taxonomicamente (Tabela 3). O grupo taxonómico mais abundante são os suínos, com elementos do esqueleto axial craniano e pós-craniano, assim como do esqueleto apendicular, destacando-se a presença de pelo menos um indivíduo com mais de 24 meses de idade e outro com uma idade aproximada de 8 meses (Tabelas 4 e 5). Os restantes restos identificados englobam espécies domesticadas, a vaca e as ovelhas/cabras representadas por indivíduos adultos, mas também espécies selvagens, o veado com pelo menos um indivíduo adulto e um juvenil e um indivíduo adulto de coelho-bravo.

Tabela 3 – Distribuição dos valores absolutos e relativos do total de restos analisados (NSP) e dos restos identificados taxonomicamente (NISP).

UE	NSP	NSP%	NISP	NISP%
[600]	13	23,6	4	16,7
[604]	29	52,7	15	62,5
[608]	2	3,6	1	4,2
{611}	5	9,1	1	4,2
{615}	4	7,3	1	4,2
[620a]	2	3,6	2	8,3
Total	55	100	24	100

Tabela 4 – Valores NISP absolutos e relativos (%) calculados para a Sondagem 6 da Herdade do Álamo.

	NISP	NISP%
<i>Bos taurus</i> (vaca)	3	14,3
<i>Ovis/Capra</i> (ovelha/cabra)	4	19
<i>Cervus elaphus</i> (veado)	3	14,3
<i>Sus sp.</i> (porco/javalí)	10	47,6
<i>O. Cuniculus</i> (coelho-bravo)	1	4,8
Total	21	100

Um total de 31 restos foram considerados indetermináveis taxonomicamente, mas correspondem a mamíferos de diferentes portes, maioritariamente entre os 20 e 100 kg, tendo-se ainda identificado 3 registos de fauna malacológica.

Os indicadores tafonómicos de processamento englobam um golpe isolado transversal em ulna proximal de suíno adulto, com dano por queima. Termo-alteração por contacto com fogo existe ainda em osso plano de porte pequeno, pélvis de coelho-bravo e um metápodo de veado.

Os elementos completos são escassos, com a exceção a ser um molar de ovelha/cabra, uma falange de vaca e uma vértebra caudal de porte pequeno. A fracturação em estado seco e/ou semi-seco predomina, com cerca de 51% dos registos a terem uma dimensão máxima <5 cm.

Entre os restantes indicadores tafonómicos, a meteorização é escassa (6%) e apenas em graus iniciais de afectação sugerindo uma sedimentação rápida destes restos, porém as vermiculações (62%) e concreções (66%) são importantes e em vários casos apresentam graus de afectação mais desenvolvidos.

Tabela 5 – Valores NISP calculados para os materiais da Sondagem 6 da Herdade do Álamo. Legenda: BT – *Bos taurus*; O/C – *Ovis/Capra*; CE – *Cervus elaphus*; S – *Sus sp.*, ORC – *Oryctolagus cuniculus*; MA – Fauna mamálgica não identificada; MAL – Fauna malacológica.

Elemento	BT	O/C	CE	S	ORC	MA	MAL	Total
Mandíbula				1	2			3
Maxilar						1		1
Crânio							2	2
Molar solto			2					2
Vértebra	1			1		3		5
Costela						5		5
Escápula	1							1
Úmero					1	1		2
Ulna				1	1			2
Pélvis						1		1
Fémur							1	1
Tíbia	1			1				2
Metacarpo						1		1
Metatarso	1							1
Matápodo					1			1
Astrágalo						1		1
Calcâneo						1		1
Falange 2	1							1
Concha							3	3
Osso longo							11	11
Osso plano							5	5
Indeterminado							3	3
Total	3	4	3	10	1	31	3	55

## 6. Breve contextualização

As sondagens arqueológicas de minimização de impactos na Herdade do Álamo, realizada numa fase posterior à ripagem do terreno e ao plantio de um amendoal, permitiram a identificação, entre outros contextos de outros períodos históricos (nomeadamente de uma necrópole da Idade do Ferro), de um recinto de fossos da Pré-História recente. A prospecção geofísica realizada, apesar das limitações causadas pelo plantio prévio das árvores, evidenciou a presença de dois ou três fossos aparentemente com trajectórias concéntricas, com alguma sinuosidade, tendo um dos fossos sido intervencionado numa das sondagens realizadas e revelado uma cronologia calcolítica. Para a localização deste recinto foi escolhida a extremidade de uma saliência no topo de uma área aplanada alongada,

sobranceira à Ribeira do Álamo (Figura 7). No inventário de recintos de fossos pré-históricos no actual território português que tem vindo a ser realizado pelo NIA, este é o septuagésimo oitavo registo.

De momento pouco mais se pode dizer sobre este contexto, sobre o seu desenho arquitectónico, sobre as suas dimensões ou sobre o seu real espectro cronológico, o que diz muito da actual política utilizada nas medidas de minimização. Relativamente ao último ponto, contudo, podemos referir a presença de pelo menos uma fossa com um enterramento enquadrável no tradicionalmente designado Horizonte de Ferradeira, e que aparentemente se localiza numa zona de entrada no recinto definido pelo fosso intervencionado, e que se enquadrará na segunda metade do 3º milénio a.C. (de acordo com as actuais cronologias disponíveis para este tipo de contextos no Sul de Portugal).

Já relativamente à contextualização deste novo recinto no âmbito da distribuição dos recintos de fossos no Sul de Portugal, verifica-se que o mesmo se insere na área de maior densidade, a qual corresponde a uma faixa alongada que se desenvolve genericamente entre a fronteira junto a Vila Verde de Ficalho e Ferreira do Alentejo (Figura 9), delimitada a Sul pela faixa piritosa e a norte pela Serra de Portel.

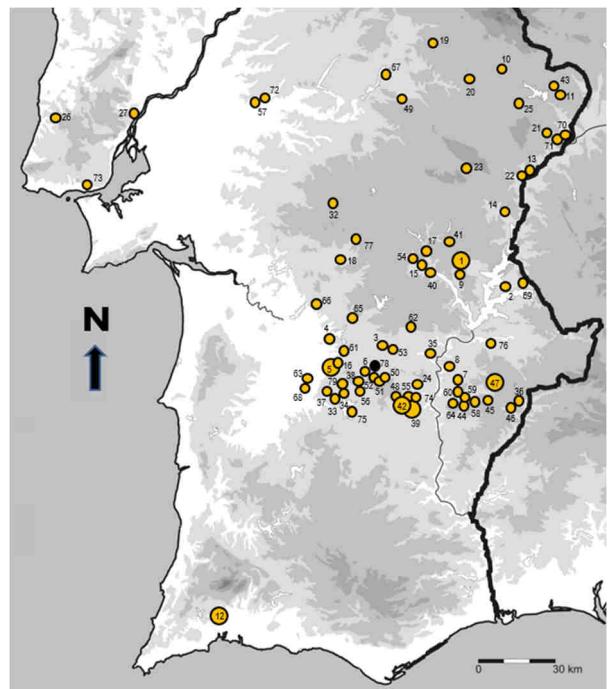


Figura 9 – Localização do recinto da Herdade do Álamo (ponto negro) no contexto dos recintos de fossos do Sul de Portugal.

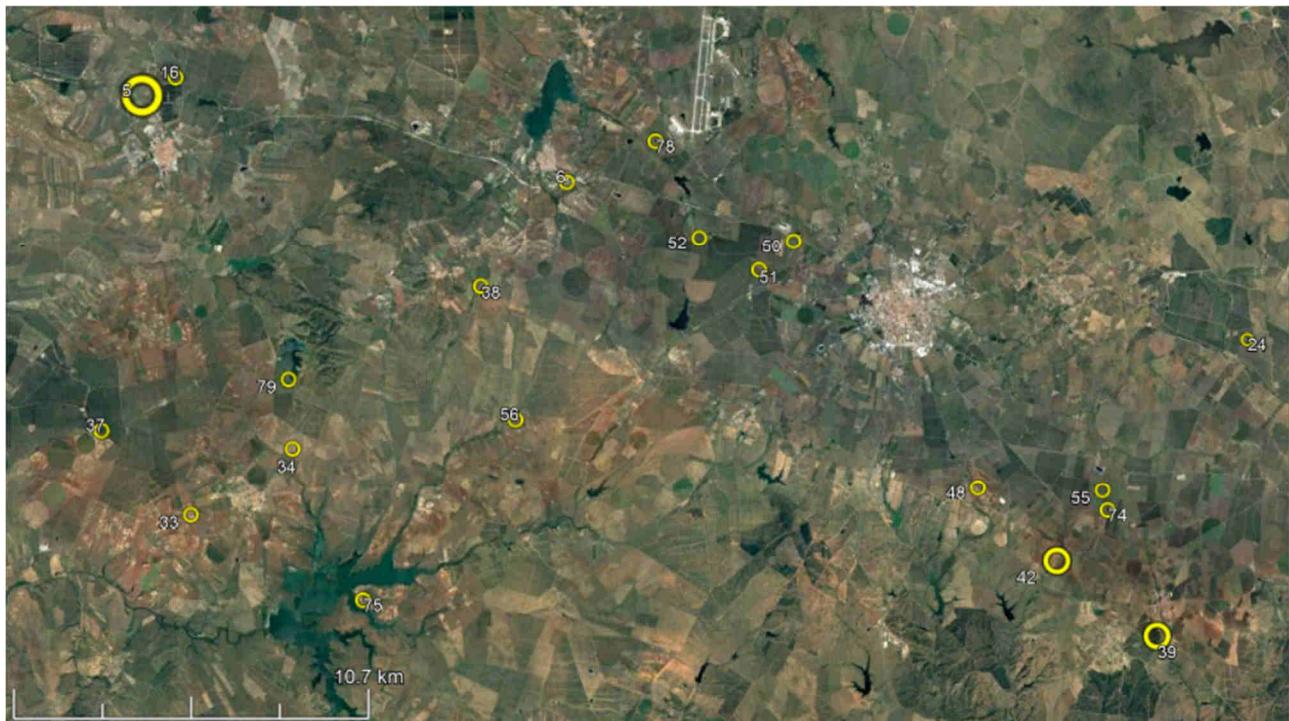


Figura 10 – Localização do recinto da Herdade do Álamo (número 78) no contexto dos recintos de fossos entre a zona de Beja e a de Ferreira do Alentejo.

Neste sentido, não só vem reforçar essa densidade, como sublinha uma circunstância já várias vezes sinalizada (Valera, Pereiro, 2015; Valera 2019; Valera, 2021): a grande proximidade espacial que se vai registando entre vários recintos de fossos nesta região alentejana.

De facto, e em termos de curtas distâncias, o recinto da Herdade do Álamo localiza-se a apenas 3km NE de Bela Vista 5 (nº6 na Figura 10), a 3km a NO do possível recinto de Fonte dos Cântaros (nº52) e a 5km a NO de Nobre 2 (nº50) e da Lobeira de Cima (nº51), replicando as concentrações na zona

da Salvada a Sudoeste de Beja, na zona de Santa Vitória, a Sudeste, ou na área de Serpa, já na margem esquerda do Guadiana. Já em termos de distâncias um pouco mais longas, mas ainda assim a apenas a poucas horas de marcha, temos os grandes recintos de Porto Torrão (nº5) 15km a Oeste, Monte das Cabeceiras (nº42) a 17km e Salvada (nº39) a 21 km, ambos a Sudeste (Figura 10).

Naturalmente, a valorização e interpretação destes níveis de proximidade entre recintos de fossos depara-se com vários problemas. O primeiro é, obviamente, o da existência ou não de níveis de contemporaneidade, já que são raros os que se encontram datados. Por outro lado, o nível de conhecimento sobre as suas características e natureza é muito díspar, seja relativo às dimensões, complexidade, temporalidades, práticas associadas, etc. Ainda assim, a questão da densidade de recintos de fossos que vai emergindo nesta área do interior alentejano evidencia, desde já, a necessidade do desenvolvimento de modelos teóricos que informem os questionários de abordagem a esta nova realidade da Pré-História Recente da região. Neste sentido, algumas propostas meramente exploratórias foram já avançadas, concretamente recorrendo a modelos de emulação e mimetismo social ou de mobilidade e periodicidade ocupacional do território (Valera, Pereiro, 2015; Valera et al. 2015; Valera, 2019; Valera, *no prelo*), cujo potencial heurístico importa aprofundar no futuro.

#### **Referências Bibliográficas**

- OLIVEIRA, L.; PINHEIRO, R., BAPTISTA, L. (2016) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Execução do Circuito Hidráulico de Beringel-Beja – Monte do Bolor 1/2*, Relatório Final, Arqueologia e Património Lda (edição policopiada).
- VALERA, A.C. (2019) – Landscapes of complexity in Southern Portugal during the 4th and 3rd millennium BC. In: J. Müller, M. Hintz, M. Wunderlich (eds.), *Megaliths, Societies, Landscapes. Early monumentality and social differentiation in Neolithic Europe*. Frühe Monumentalität und soziale Differenzierung. 18. Vol. 3/3. Bonn. Verlag Dr. Rudolf Habelt GmbH: 1039-1054.
- VALERA, A.C. (2021) – “Death in the Occident Express”: Social Breakdown in Southwestern Iberia at the end of the 3rd millennium BC. In: S. Lopes, S. Gomes (eds.), *Between the 3rd and 2nd Millennia BC: Exploring Cultural Diversity and Change in Late Prehistoric Communities*. Oxford. Archaeopress: 105-118.
- VALERA, A.C.; PEREIRO, T. (2015) – Os recintos de fossos da Salvada e Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Portugal). *Actas do VII Encontro de Arqueologia Peninsular*. Aroche-Serpa: 316-327.
- VALERA, A.C., RAMOS, R., CASTANHEIRA, P. (2015) – Os recintos de fossos de Coelheira 2 (Santa Vitória, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 10: 33-45.

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Série ERA Monográfica (2013 – 2021)



Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)



Publicação de workshops

